

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA**

Cristina Lima da Rocha Cannas

(Com)vivências adolescentes na atenção psicossocial: notas psicanalíticas

Porto Alegre

2021

Cristina Lima da Rocha Cannas

(Com)vivências adolescentes na atenção psicossocial: notas psicanalíticas

Dissertação apresentada como requisito à
obtenção do título de mestra ao Programa de
Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e
Cultura do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra Djambolakdjian
Torossian

Porto Alegre

2021

Nome: Cristina Lima da Rocha Cannas

Título: (Com) vivências adolescentes na atenção psicossocial: notas psicanalíticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicanálise: Clínica e Cultura.

Aprovado em: _____

Banca examinadora:

Profa. Dra. Analice de Lima Palombini
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira
(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Prof. Dr. Roberto Henrique Amorim de Medeiros
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)



Crédito da foto: Alessandra

*Para Fernando,
Bernardo, Lia e Tales*

AGRADECIMENTOS

Aos adolescentes, que não cessam de espalhar vibração em nossos encontros, pela inspiração e convocação às incessantes interrogações.

À Sandra, agradeço imensamente pela acolhida e pela aposta nesta proposição de pesquisa; pela escuta sensível e respeitosa; pela orientação que abriu tantos caminhos e, sobretudo, pela generosidade inspiradora com que conduz a vida.

Aos professores que compõem a banca de defesa desta dissertação Profa. Analice, Profa. Jacqueline e Prof. Roberto por aceitarem o convite para interlocução e pelas fundamentais contribuições diante do projeto de qualificação, as quais ajudaram a dar o contorno desta pesquisa.

Aos colegas do grupo de pesquisa, agora Laboratório de Psicanálise, Literatura e Política - LEPLIP, os dos encontros semanais, Luiz Fernando, Mayara, Eliane, Luísa, Diego, Daniel, Isabela, Bianca, Liege pelas tantas trocas, por serem ponto de ancoragem nos momentos mais desafiadores, pelos apontamentos inspiradores ao processo de escrita; e os dos encontros menos frequentes, mas não menos importantes, Aline, Marina, Laura, Mateus, Carol, Yanisa, pelas produções pregressas que são base de sustentação para as novas construções.

À UFRGS pelo ensino público, de qualidade e conectado com as demandas da realidade e ao PPG em Psicanálise: Clínica e Cultura, com seus docentes e servidores, por sustentarem a pesquisa em psicanálise no âmbito da universidade. Aos colegas de turma, que atravessaram comigo este mestrado pandêmico.

Aos mestres de toda a vida, que marcaram de forma definitiva minha trajetória, em especial às queridas Lígia Hecker Ferreira e Letícia Beck Saldanha (*in memorium*), que além de mestras, tornaram-se parceiras na construção de pequenos possíveis.

À Lígia Victora pela escuta que fez despertar o amor pela psicanálise.

Aos colegas do CAPS, os de hoje e os de tempos outros, Carol, Cris, João, Laís, Milene, Tanise, Tati I., Tati B., Veri, Tetê, Ju, Leandro, Mello, Adriane, Renata que sustentaram – a despeito de todas as precariedades – a aposta nos sujeitos e na potência dos coletivos, pela parceria

cotidiana, pelas descobertas conjuntas, pelos encontros cheios de vida que compartilhamos. Aos tantos residentes e estagiários que são a força de renovação e inspiração que nos ajuda a não desistir de seguir apostando.

À Ale, um reencontro que tem sido um presente da vida, pela cumplicidade, pelo olhar que me ajuda a ver mais longe, pela calma que me faz intervalar, por sonhar comigo que, juntas, “*dá para fazer*”.

À Andressa, amiga, parceira, colega com quem comecei a sonhar este percurso, pela interlocução, pelo apoio, pela leitura, pelo tanto de vida que compartilhamos.

Às amigas que são base de sustentação da vida, em especial às gurias da Casa de Bamba - Carol, Érica, Fer, Fran, Piti, Si, Tatá - pelo laço fundamental que independe da presença física; à Isa, pelo exemplo de vida que congrega doçura e firmeza da forma mais bela; à Adri, por trilhar comigo a vida cotidiana, pelos muitos bate-papos, pelo apoio no cuidado com os pequenos.

À Magda, pela disponibilidade irrestrita.

Ao Lu, pelos tantos exemplos que desde cedo me inspiraram, pela amizade-irmandade que me ensinou que as diferenças não precisam gerar cancelamento, pelo incentivo ao pensamento crítico. E à Lu, pelo acolhimento, pela irreverência.

Ao Acilon e à Maria, pelo amor e pelo apoio incondicional, pelo investimento fundante, por terem transmitido, independentemente de todas as adversidades, o entusiasmo pelos estudos.

Ao Fábio, parceiro que escolhi para compartilhar a vida, pelo amor que dá forças, pelos sonhos que juntos acalentamos, pelo respeito e incentivo aos meus projetos, por sustentar as condições que fizeram possíveis os tempos de ausência.

Ao Francisco e à Clara, que tanto sofreram com as ausências, por tudo que me ensinam, diariamente, sobre mim, sobre a vida, sobre o mundo, por redimensionarem o significado da palavra amor.

RESUMO

Esta pesquisa tem o propósito de dar desdobramento a interrogações que emergiram diante de um campo de experiências, no contexto dos Espaços de Convivência, dispositivo de cuidado destinado ao atendimento intensivo de adolescentes em condição de grave sofrimento psíquico, em um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil - CAPSij. A pesquisa constrói uma travessia em torno da pergunta sobre as possibilidades de se tomar a convivência como ferramenta da clínica no tempo da adolescência levando-se em conta a advertência freudiana acerca dos afetos de hostilidade e aversão que marcam as relações humanas. Inicia-se a partir de um percurso pelo histórico da constituição da atual Política de Saúde Mental, dando ênfase à sua intencionalidade de viabilizar o (com) viver com a loucura. Tem seguimento com a investigação sobre o significante convivência no campo das políticas públicas e no campo da psicanálise, enfatizando suas incidências para o sujeito. A escolha metodológica faz uso da noção de *intervalo* enquanto condição de possibilidade para o desenvolvimento da pesquisa, situando as *cenar* como recurso narrativo e forma de transmissão da experiência. As *cenar* que são colocadas em análise dão destaque às tensões entre potencialidades e problemáticas que se desenrolaram a partir dos espaços de convivência, tendo como pano de fundo a questão acerca das condições que tornam possível o enlace entre os sujeitos.

Palavras chave: convivência, adolescência, psicanálise, saúde mental.

ABSTRACT

This research has the purpose of unfolding the questions that emerged in front of a field of experiences, in the context of Living Spaces, a care device destined to the intensive care of adolescents in severe psychological distress, in a Child Psychosocial Care Center. Juvenile - CAPSij. The research builds a crossing around the question about the possibilities of taking coexistence as a clinical tool during adolescence, taking into account the Freudian warning about the affections of hostility and aversion that mark human relationships. It starts from a journey through the history of the constitution of the current Mental Health Policy, emphasizing its intention to make (with) living with madness. It continues with the investigation of the significant coexistence in the field of public policies and in the field of psychoanalysis, emphasizing its impact on the subject. The methodological choice makes use of the notion of interval as a condition of possibility for the development of the research, placing the scenes as a narrative resource and a way of transmitting the experience. The scenes that are analyzed highlight the tensions between potentials and problems that unfolded from the spaces of coexistence, against the background of the question about the conditions that make the connection between the subjects possible.

Keywords: coexistence, adolescence, psychoanalysis, mental health.

SUMÁRIO

1 “...VEJO UMA TRILHA CLARA PRO MEU BRASIL APESAR DA DOR...” - preâmbulo sobre pesquisar em tempos de pandemia	11
1.1 “...e eu dizia ainda é cedo...”: Primeiro tempo, qualificar.....	11
1.2 “...não temos tempo a perder...”: Segundo tempo, dissertar.....	13
2 “...VEM COMIGO, NO CAMINHO TE EXPLICO...” - contornando uma questão...15	
3 “...CADA SER TEM SONHOS À SUA MANEIRA...” - o (com)viver com a loucura, a reforma psiquiátrica brasileira e os CAPS	Erro! Indicador não definido.
3.1 “...alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho...” - eis um CAPSij	Erro! Indicador não definido.
3.1.1 “... a casa é sua...” - a invenção de um modo de escutar	Erro! Indicador não definido.
4. “...A VIDA É A ARTE DO ENCONTRO...” - sobre convivência.....	Erro! Indicador não definido.
4.1 “...e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto...” - a convivência como ideal e ferramenta das políticas públicas	Erro! Indicador não definido.
4.1.1 “...há tanta vida lá fora...” - a convivência fora dos CAPS	Erro! Indicador não definido.
4.1.2 “...minha solidão se sente acompanhada...” - uma passagem à clínica da convivência nos CAPS.....	Erro! Indicador não definido.
4.2 “...eu odeio, eu adoro numa mesma oração” - interrogações a um ideal ou sobre convivência e psicanálise.....	Erro! Indicador não definido.
5. “...E COM CINCO OU SEIS RETAS É FÁCIL FAZER UM CASTELO...” - desenho metodológico	19
5.1 “...uma pausa de mil compassos...” - a proposição de um intervalo como condição para o pesquisar	Erro! Indicador não definido.
5.2 “...fotografias recortadas em jornais de folha, amiúde...” - as cenas como recurso narrativo.....	Erro! Indicador não definido.

5.2.1 “...a parte que te cabe deste latifúndio...” - o gesto arbitrário que recorta o acontecimento ou sobre a transferência do pesquisador em questão **Erro! Indicador não definido.**

5.3 “...eu não sei dizer nada por dizer então eu escuto...” - estudo clínico como atitude diante do material da clínica *Erro! Indicador não definido.*

6. “...E SE VOCÊ TROUXER O SEU LAR, EU VOU CUIDAR EU CUIDAREI DELE...” - cenas de um lugar para produzir vida **21**

6.1 “...é na soma do seu olhar que eu vou me conhecer inteiro...” - Tales entre outros, sobre amizades e não cancelamento no se demorar em estar junto..... *Erro! Indicador não definido.*

6.2 “...esse humor é coisa de um rapaz, que sem ter proteção, foi se esconder atrás da cara de vilão...” - sobre Fernando e os impasses do conviver .. *Erro! Indicador não definido.*

6.2.1 “...tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria...” - Antes da leitura da cena, um manifesto sobre o caso social **Erro! Indicador não definido.**

6.2.2 “... a esperança dança, na corda-bamba de sombrinha e em cada passo dessa linha pode se machucar...” - entre a desistência e a aposta em um porvir..... **Erro! Indicador não definido.**

6.2.3 “...lá o tempo espera, lá é primavera...” - sobre a oferta de um espaço-tempo experimental **Erro! Indicador não definido.**

7. “...VEJA VOCÊ ONDE É QUE O BARCO FOI DESAGUAR...” - notas para a abertura de um intervalo derradeiro..... **25**

Referências **28**

Playlist **37**

1 “...VEJO UMA TRILHA CLARA PRO MEU BRASIL APESAR DA DOR...” - preâmbulo sobre pesquisar em tempos de pandemia

Do navegar por mares de oscilação, entre desalentos e esperanças, é que chego até a apresentação desta dissertação. Uma travessia que foi cheia de sobressaltos e inseguranças. Não é sem dor que se constrói uma pesquisa. No caso desta, o processo reivindicou que eu olhasse para o campo de práticas que envolve a Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) e, neste revisitar, elaborasse o luto por uma proposição que deixou de ser sem nunca ter sido, efetivamente. Desse ideário que parece se desvanecer, há que se extrair elementos, traços, restos que viabilizem avançar em formulações teóricas e técnicas para que seja possível, de alguma forma, seguir adiante. Esta pesquisa enseja, então, este objetivo.

Um objetivo, aliás, que vai emergindo como traço que faz marca neste escrito, atravessando sua história desde antes de sua concepção até o momento da formalização, em que agora se encontra. Afinal, esta é uma investigação que surge com o propósito de dar desdobramento a interrogações advindas de um campo de práticas, mais precisamente de um Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSij) localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, no qual me encontro enquanto trabalhadora, psicóloga, componente de uma equipe multiprofissional. Absolutamente todas as construções aqui apresentadas foram tecidas a partir do compromisso de dar destino e visibilidade às complexidades envolvidas no ato de ofertar cuidado a crianças e adolescentes no campo da atenção psicossocial.

Há ainda um traço outro, que, se não se destaca enquanto protagonista deste estudo, se deixa ver como uma espécie de sombra a incidir de formas menos óbvias nesta construção. Tal traço diz respeito ao momento histórico em que se desenvolveu toda a vivência do mestrado e o desenrolar desta pesquisa, período em que nos vimos diante de uma pandemia mundial, que transmutou-se em uma crise sem precedentes recentes: sanitária, econômica, de sociabilidades... Crises cujos efeitos estamos apenas começando a escutar.

Sendo assim, podemos distinguir dois tempos, afirmados cronologicamente, na construção deste estudo. O primeiro ano, marcado pelo encontro com a pandemia do COVID19, que fez o mundo parar, foi o tempo de construir um projeto para um futuro que parecia tão incerto. O segundo ano, a despeito da pandemia que se agravava, foi o tempo de retomar fôlego para seguir com as tarefas que a vida insistia em apresentar, tempo de dar consequência ao projeto construído para a qualificação, tempo, enfim, de dissertar.

1.1 “...e eu dizia ainda é cedo...”: Primeiro tempo, qualificar

Nos primeiros momentos desta pandemia não havia convivência no CAPS. O silêncio e a calma do espaço contrastavam com as palavras e os desenhos que gritavam nas paredes. Era estranho estar no serviço nessas condições. Em meio aos dias mais calmos, de pouca circulação de usuários e de maiores pausas para o pensar, desenhou-se um distanciamento das demandas urgentes, uma desaceleração do cotidiano e do tema que me convocou a esta investigação.

Ao mesmo tempo, a chegada do COVID19 e das medidas necessárias ao seu enfrentamento, especialmente o “isolamento social”, trouxeram outras repercussões para esse primeiro período de estudos. O drama provocado pelo encontro com a morte, que poderia ter nos igualado na condição de desamparo, convocando ao enlace coletivo para o enfrentamento da crise, acirrou os ânimos e cavou um pouco mais fundo o poço em que já nos encontrávamos no Brasil. O clima fez-se ainda mais duro nas redes sociais, meio que se tornou ferramenta para o encontro comunitário em tempos de isolamento. Simultaneamente, vivemos o peso de acompanhar os boletins diários de mortes, os quais evidenciaram que, embora os riscos de contágio fossem para todos e todas, os meios de proteção e de acesso a tratamento não o eram. A desigualdade social mostrou sua face mais cruel, escancarando nossa política que define destinos, escolhendo quem pode morrer.

“Quem tem crianças precisa do futuro”, nos diz Valter Hugo Mãe (2017, p. 25). Encontrar com esse dito do autor me fez pensar que, para mim, também o nascimento de uma escrita demandava um tanto de esperança no porvir. Para fazer nascer um projeto, fazia-se necessário restituir um mínimo de esperança. Assim, em meio ao caos que parecia ter aprofundado o desalento no qual já me sentia submersa, foi nas delicadezas encontradas pelo caminho que reuni forças para seguir escrevendo, pesquisando, pensando: os sujeitos acompanhados no CAPS e sua insuperável força para construir saídas em vidas tão castigadas pelo tanto que nosso país pode ser desigual e violento; as parcerias no trabalho, reunindo forças para manter vivas as fagulhas de potência que vínhamos gestando com tanto cuidado, há tanto tempo; a alegria e a vivacidade das crianças a tecerem jeitos criativos e inusitados para ler a vida; os vínculos afetuosos, sustentados apesar da distância física; o fundamental espaço do grupo de pesquisa, e seu respeito e sua acolhida incondicional ao ritmo possível para cada um...

É a música, entretanto, que gostaria de destacar aqui. Parece tão singelo, parece tão pequeno, mas foi ao parar para ouvir a música-poesia criada no Brasil que me vi abrindo passagem para vislumbrar que nem só de mazelas é feito este país. Essa arte, naquele primeiro tempo do pesquisar, fez-se sustentação para a sobrevivência, para suportar o real da morte que mostrou-se de forma tão evidente.

1.2 “...não temos tempo a perder...”: Segundo tempo, dissertar

Os momentos pós qualificação coincidiram com a retomada das rotinas atribuladas. Era novembro de 2020 e vislumbrávamos a possibilidade de arrefecimento da pandemia e de retorno a alguma normalidade, o que vem efetivamente se dando apenas um ano depois, em 2021, com a implementação da vacinação em massa. No CAPS, daquele momento até o atual, a procura por atendimentos ampliou-se consideravelmente e começamos a testemunhar, cada vez mais, os efeitos das crises provocadas pela pandemia na vida de crianças, adolescentes e suas famílias. O que era uma miragem-suposição começou a tomar forma de realidade e a evidenciar que, tendo em mãos os mesmos poucos recursos de sempre, nossas forças não teriam condições de fazer frente ao que vinha sendo denominado como “onda da saúde mental”¹, pós-COVID. Diante de tamanha procura por atendimentos, testemunhando o agravamento da condição de saúde mental da população, não nos foi mais possível sustentar precauções que inviabilizassem os atendimentos presenciais. Foi necessário nos reinventarmos em nossos processos para seguirmos ofertando cuidado sem negligenciarmos as medidas de precaução sanitárias, tarefa que se mostrou complexa e trabalhosa.

Convergente com este novo contexto, em que, novamente, fez-se presente o ritmo acelerado e caótico do cotidiano do CAPS, instaurou-se um tempo de suspensão da escrita pós-qualificação. Um tempo tão demorado e prolongado que, em alguns momentos, fez parecer que não seria mais possível uma conexão com a pesquisa. Outras tantas demandas da vida de uma mãe-trabalhadora-aprendiz de pesquisadora, bem como a ausência das atividades acadêmicas presenciais e a distância dos colegas de mestrado foram fatores que contribuíram para que o espaço afetivo deste momento formativo fosse se apequenando, acomodando-se de formas inimagináveis para quem o buscou em desespero, como o apelo de quem cata uma bússola em meio ao descampado.

Um tanto atordoada diante desta condição que me surpreendia, os estudos sobre metodologia acabaram fazendo as vezes desta bússola para me conduzir novamente ao processo de escrita. A razão, não sei bem explicar. Mas, nestes estudos, a noção de intervalo ressituiu a pesquisa, fez reconectar a paixão pelo estudo e redimensionou os sentidos que as músicas tomaram no primeiro tempo desta dissertação - as músicas, essas foram uma constante no inconstante destes tempos de luto. As músicas que, ao instaurar intervalos, fizeram desconectar

¹ Várias reportagens foram veiculadas neste período, relatando a opinião de especialistas sobre os efeitos da pandemia na saúde mental da população. Traze-se aqui dois exemplos: <https://www.metropoles.com/saude/segunda-onda-da-pandemia-sera-de-saude-mental-dizem-especialistas/> / <https://www.fiocruzbrasil.br/a-saude-mental-nao-sera-a-quarta-onda-da-pandemia-diz-psicologa/>. Acessos em 17 de outubro de 2021.

da crueza da vida, para reconectar com a sua beleza. “É justamente quando tantas coisas vão mal em torno de nós que é necessário falar da beleza do planeta e do humano que o habita”, nos diz Tzvetan Todorov (2014, p. 13)², na introdução ao livro “A beleza salvará o mundo”. Não sei se é disso que trata, sei apenas que é uma forma de contar do que vivi.

Por isso alguns trechos de músicas que nomearam, provisoriamente, as seções do projeto de qualificação persistiram, agora em definitivo, nesta dissertação. Uma tentativa, talvez, de homenagear aqueles que emprestam sua inspiração para nos ajudar a dar forma estética àquilo que é apenas sensação. Ou, talvez, de marcar que este texto tem uma temporalidade: se trata de uma dissertação escrita em meio a uma pandemia.

² No livro em questão, o autor dedica-se a buscar possibilidades de entendimento que dessem conta de explicar que fatores estão implicados nos efeitos do encontro com o belo para a humanidade. A frase citada por Todorov é a reprodução de trecho do editorial de lançamento da revista ilustrada “*Canopee*”.

2 “...VEM COMIGO, NO CAMINHO TE EXPLICO...” - contornando uma questão.

Em um gelado dia de inverno, os membros da sociedade de porcos-espinhos se juntaram para obter calor e não morrer de frio. Mas logo sentiram os espinhos dos outros e tiveram de tomar distância. Quando a necessidade de aquecerem-se os fez voltarem a juntar-se, se repetiu aquele segundo mal, e assim se viram levados e trazidos entre ambas as desgraças, até que encontraram um distanciamento moderado que lhes permitia passar o melhor possível (Schopenhauer, 1851/2009, p. 665).

A curta parábola construída por Schopenhauer constitui-se como metáfora para os dilemas da convivência humana, convocando-nos à indagação acerca da possibilidade de uma distância ótima que viabilize a aproximação entre o sujeito e os seus semelhantes. Nem tão longe, deixando-o à mercê da solidão, nem tão perto a ponto de se presentificar a ameaça de aniquilamento. Freud retoma a alegoria em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921/2011), para sustentar que afetos de aversão e de hostilidade são marcas inexoráveis das relações humanas, atravessando até mesmo aquelas em que suporíamos apenas o amor como afeto preponderante do laço libidinal.

O tema da convivência humana vem me interrogando de forma difusa já há alguns anos, no encontro com o clima belicoso que percebo prevalecer no cenário brasileiro: na multiplicação das *fake news* criadas e disseminadas para aniquilar adversários; no rompimento de laços de amizade em razão de posicionamentos políticos; nas conversas de muito falatório e de pouca escuta nas redes sociais; na banalização do absurdo; e nas infundáveis notícias que parecem dizer de um cenário distópico. Resta a impressão de esvaziamento da possibilidade de criarmos consensos mínimos, e de que os tempos são, enfim, do império do outro tomado como inimigo a ser destruído.

O pano de fundo do país nunca pareceu tão distante do ideário que fundou e fortaleceu a Luta Antimanicomial no Brasil³, cuja incidência pretendia contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, e com valores implícitos de solidariedade, de compartilhamento, e de participação (Yasui, 2019). Em oposição a essa pretensão, vemos inúmeros recentes retrocessos no campo político, os quais precarizaram os investimentos nas políticas públicas e mudaram os rumos orientadores do campo da saúde, incluindo aí a Saúde Mental.

A partir de uma vivência enquanto trabalhadora da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), no seio de um serviço herdeiro da Luta Antimanicomial, a interrogação difusa abriu espaço a uma questão que veio ganhando corpo. Uma experiência cheia de intensidades e que insistia em interrogar foi, então, a via que me conduziu até o mestrado. É nesse contexto que se

³ Instituída no país, enquanto Política de Saúde Mental, a partir da promulgação da Lei 10.216, de 2001.

situa o tema sobre o qual me debruço nesta pesquisa: trata-se de colocar em análise os “Espaços de Convivência”, modo de cuidado em atenção diária que acolhe adolescentes com indicação para atendimento intensivo⁴ junto ao CAPSij.

Nesse serviço dedicado ao atendimento de adolescentes em sofrimento psíquico, deparava-me com a sensação de encontro com um dispositivo de escuta clínica potente, que carecia ainda de sentidos e associações possíveis, mas que nem por isso deixava de produzir importantes efeitos, demandando inscrição. As cenas que se produziram no encontro dos adolescentes entre os pares, e também com a equipe, possibilitaram antever sujeitos (re)descobrimo a importância de laços e vínculos afetivos e retomando, com eles, o gosto pela vida. Ao mesmo tempo, desnudaram movimentos de aversão e de preconceito diante do encontro com formas diferentes de habitar o mundo, provocando, em alguns casos, o agravamento de sintomas de sofrimento. Habitar esses encontros, compartilhando momentos de riqueza imensurável, convocou-me à leitura de que esse modo de cuidado se situava justamente como um ponto da prática que articulava os limites, mas também as potências, de um ideal que toma como tema central a possibilidade de uma convivência entre humanos.

Advertidos por Freud (1921/2011) da dureza dos afetos que atravessam as relações de convivência humana, é possível tomarmos a convivência enquanto ferramenta da clínica, especialmente no tempo de passagem da adolescência? Situando tal questão como norte, esta pesquisa objetivou analisar, a partir do olhar e da ética psicanalítica, os “Espaços de Convivência” - modo de cuidado que aproxima a escuta e o lugar do analista do cotidiano da vida, tendo como eixo os seus efeitos para os sujeitos adolescentes escutados no CAPSij.

Esta dissertação apresenta em sua primeira seção, “...cada ser tem sonhos à sua maneira...”, uma breve retomada histórica do movimento da Reforma Psiquiátrica Brasileira, especialmente no que dela se relaciona com a função dos CAPS e com a noção de convivência, ideal a partir do qual se forja a possibilidade de uma nova política de saúde mental. Esta retomada desemboca na contextualização do CAPSij que é palco dos eventos que buscamos investigar, e também nas condições que fizeram emergir, no contexto deste serviço, o dispositivo de cuidado denominado Espaços de Convivência.

A seção seguinte, “...a vida é a arte do encontro...”, é dedicada a interrogar o significante “convivência”, o qual perpassa toda a construção desenvolvida no percurso desta pesquisa. Esta interrogação se situa entre duas posições que se complementam no bojo das discussões aqui tecidas: a convivência no campo das políticas públicas, enquanto ideal da

⁴ Modalidade de acompanhamento prevista nas Portarias de Regulamentação dos CAPS para usuários em sofrimento psíquico intenso, que possibilita o seu atendimento de 3 a 5 vezes durante a semana. A descrição de tal modalidade estará contemplada na sequência deste projeto.

construção de uma sociedade mais capaz de incluir as diferenças, e a convivência a partir do viés da psicanálise, interrogada desde suas incidências para o sujeito.

O quinto capítulo, “...e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo...”, versa sobre as escolhas metodológicas que sustentaram este pesquisar derivado de um campo de práticas. Para isto, faz uso da noção de *intervalo* enquanto condição de possibilidade para a feitura desta pesquisa, situando as *cenar* como recurso narrativo e forma de transmissão da experiência. A noção de *estudo clínico*, tomada de Ricardo Rodolfo (2004), constitui-se, neste contexto, como atitude do pesquisador diante dos materiais recolhidos na experiência da clínica. As reflexões metodológicas abordam ainda, no processo de construção das cenas e da eleição das suas linhas de análise, a relação transferencial da pesquisadora com o campo, que comparece dando o contorno final a este escrito.

O sexto capítulo, “...e se você trazer o seu lar eu vou cuidar, eu cuidarei dele...”, dedica-se ao compartilhamento, por meio das cenas, de algumas das vivências que emergiram como questão no cotidiano do trabalho, fazendo ascender os Espaços de Convivência à temática deste estudo. Este compartilhamento é seguido da análise de alguns de seus pontos, eleitos a partir da relação com a temática investigada, e daquilo que nela se apresentou como questão para a pesquisadora. A construção da análise se principia com a conceituação de adolescência desde o campo da psicanálise, buscando evidenciar os tensionamentos que as adolescências com que nos encontramos nas cenas provocam neste campo. O eixo analítico tem seguimento com a abordagem da incidência dos Espaços de Convivência enquanto possibilidade de veiculação de sociabilidades, apresentando como discussão subliminar a pergunta sobre os mecanismos que tornam possível o enlace entre os sujeitos. Neste eixo, ganham espaço reflexões sobre amizade, cancelamento e jogos identificatórios. O capítulo se encerra com a discussão sobre os impasses do conviver quando estamos diante de jeitos de existir que se colocam de forma dissonante com os códigos que regulamentam os funcionamentos institucionais. Neste ponto, apresenta os impasses transferenciais que podem fazer obstáculo à escuta, situando as leituras psicanalíticas como um ponto possível de suporte às intervenções, diante das complexidades envolvidas no conviver.

Finaliza-se este estudo com seu sétimo capítulo, “...veja você onde é que o barco foi desaguar...”, trazendo notas que derivam desta investigação sobre a clínica que se faz por meio da convivência. Tais notas, que marcam o ponto de interrupção deste estudo, trazem os apontamentos que decantam de uma travessia desenrolada em parceria com os sujeitos adolescentes, protagonistas das cenas, e com os tantos autores convocados aqui a dialogar.

O texto, a partir das próximas seções, é apresentado na primeira pessoa do plural porque

muitas são as vozes que falam nas elaborações aqui enunciadas: as tantas vozes adolescentes que se fazem vida no CAPS, as vozes de colegas e de professores deste percurso de mestrado, as vozes inspiradoras da banca de qualificação. Ganham destaque, entretanto, as vozes que fizeram aparição nos dois coletivos no bojo dos quais emergiram e tiveram consequência as formulações que aqui compartilhamos: a equipe de trabalho do CAPS, e, o grupo de pesquisa Laboratório de Estudos em Psicanálise, Literatura e Política - LEPLIP, vinculado à Linha de Pesquisa *Psicanálise, Teoria e Dispositivos Clínicos*, ao qual se filia esta investigação no âmbito do mestrado.

As cenas, as questões que a pesquisa aponta, as dúvidas, os enlaces possíveis... foram forjados no cotidiano de trabalho de uma equipe que se propôs a colocar em ato uma experiência e a buscar sustentá-la, a despeito da complexidade e das dificuldades vivenciadas, as quais o desenrolar deste texto vai enunciar. Ao mesmo tempo, as interlocuções no grupo de pesquisa, bem como o acúmulo de produções a partir dele construídas, possibilitaram que este pesquisar se lançasse e se desenvolvesse em um solo fértil. Se há uma autoria nesta construção, ela é tributária dos tantos encontros que foram sua base de sustentação e dos quais foram tomados, de empréstimo, pequenos arranjos para fazer emergir esta dissertação, uma mistura de ritmos, intervalos, tons e intensidades.

5. “...E COM CINCO OU SEIS RETAS É FÁCIL FAZER UM CASTELO...” - desenho metodológico

Iniciamos a apresentação das reflexões sobre os caminhos metodológicos desta pesquisa pelas palavras de Freud em sua afirmação de que, em psicanálise, tratamento e investigação coincidem (1912/2010f). Este dito freudiano aparece repetidamente em inúmeros textos que versam sobre a pesquisa em psicanálise, parecendo apontar para o que talvez seja considerado uma das bases de sustentação de seu método (Bevidas, 1999; Dunker, Voltolini, & Jerusalinsky, 2008; Iribarry, 2003; Magtaz & Berlinck, 2020; Sampaio & Amazonas, 2020; Simoni & Rickes, 2008). Em que pese as inúmeras referências a esta assertiva, entendemos que mencioná-la não resolve de antemão os impasses vivenciados nesta investigação que tomou como questão de pesquisa uma interrogação emergida na prática clínica.

Incongruente a esta premissa, o projeto de qualificação trouxe como primeiro desafio a necessidade de superação de um suposto impasse gerado pela confusão de papéis entre trabalhadora - pesquisadora. Talvez o que estivesse em jogo naquele momento fosse a necessidade de transmitir, de alguma forma, um excesso presente na relação estabelecida com o tema de pesquisa. Um excesso que, se convocava ao desejo de pesquisar, também invocava uma paralisia que inviabilizava o pensamento. Buscando escapar ao risco dessa captura, emergiu isso que se situou como uma primeira questão metodológica, qual seja, o trilhar desta transição de posições *entre* a trabalhadora e a pesquisadora.

Um apontamento trazido pela banca, e que fora também levantado por uma colega de trabalho⁵, ressoou e ecoou, permutando-se em inúmeras indagações e aberturas. A questão situava a imanência da pesquisa a partir de um campo de práticas como sua maior potência, de modo que o intento da travessia de uma posição a outra parecia não fazer sentido. Tais pontuações remeteram-nos à necessidade de precisarmos com maior rigor esta construção, reconfigurando a pergunta sobre metodologia envolvida neste pesquisar. Como sustentar as tensões insolúveis desta dupla posição diante da experiência e buscar dela extrair notas e apontamentos que pudessem ter relevância para o campo das políticas públicas em sua interface com a psicanálise emergiu, assim, como desafio metodológico.

Notas e apontamentos se situam como o resultado possível desta investigação que, estando assentada na psicanálise, não se propõe à produção de saberes generalizáveis. Sobre

⁵ Previamente à Banca de Qualificação, foi realizado um encontro informal entre as trabalhadoras da equipe do CAPSij com intuito de discutir e trocar impressões sobre o Projeto de Dissertação. O apontamento desta incongruência deu-se neste momento, a partir das impressões de uma colega.

isto, Isac Nikos Iribarry (2003) sustenta que a não pretensão a uma inferência generalizadora é o que constitui uma das marcas da diferença da pesquisa psicanalítica em relação às demais abordagens em pesquisa. Trata-se de sustentar a investigação a partir da advertência acerca da incompletude da verdade (Medeiros, 2016), tendo os saberes que dela advém o caráter de provisoriedade e de parcialidade, já que recortados pela relação transferencial do pesquisador ao campo de pesquisa⁶. Nas palavras de Edilene Freire de Queiroz (2020), o texto que advém da pesquisa em psicanálise apresenta-se inconcluso, marcado pela permanência de um enigma que convoca a aberturas, sempre passíveis de novas significações.

Há ainda uma precaução metodológica que nos destitui de qualquer pretensão a conclusões definitivas. Essa é pontuada por Claudia Fonseca (2002) acerca dos riscos de se produzirem saberes generalizantes sobre determinada população, a partir da escuta de uma fatia muito particular de sujeitos, em um recorte específico. Aos CAPS, como já abordamos no decorrer desta dissertação, no âmbito da Política de Saúde Mental, cabe o atendimento às situações de maior gravidade, nomeadas pelas regulamentações técnicas como “condição de sofrimento psíquico grave” (MS, 2002). As considerações tecidas no âmbito desta pesquisa sobre adolescências e modos possíveis de sua escuta dizem, assim, de sujeitos que se viram sem recursos para dar conta dos acontecimentos que irromperam em suas vidas, constituindo graves sintomas.

É desde estes registros que se fundam as notas psicanalíticas que trazemos a seguir.

⁶ Voltaremos mais demoradamente a este tema no ponto 5.2.1 desta seção sobre método.

6. “...E SE VOCÊ TROUXER O SEU LAR, EU VOU CUIDAR EU CUIDAREI DELE...”

- cenas de um lugar para produzir vida

O transcurso desta pesquisa, cuja formalização se apresenta nesta dissertação, compõe-se por quatro cenas. Tratam-se, como já salientamos anteriormente, de narrativas que colocam em evidência os impasses experienciados diante dos diversos encontros ocorridos no CAPS, no contexto dos Espaços de Convivência.

A cena de abertura, apresentada na seção “...alguém me avisou pra pisar neste chão devagarinho...” e que traz Bernardo como protagonista, expõe os passos que fizeram nascer o formato de atendimento que nos dedicamos a interrogar neste estudo. Se no contexto do CAPS, o encontro com Bernardo abriu espaço para repensarmos nossos modos de organização, na pesquisa, a narrativa deste encontro, construída nos primeiros tempos deste pesquisar, viabilizou a desobstrução da escrita e abriu caminho para que um trabalho de produção fosse efetivamente disparado.

A cena segunda, protagonizada por Lia, será narrada na sequência destas linhas e marca a apresentação das temáticas que se desenvolverão no transcorrer desta seção. Os acontecimentos narrados deram-se no momento de pleno funcionamento dos Espaços de Convivência e ilustram um recorte das relações estabelecidas nesse contexto. Nos tempos deste pesquisar, sua escrita deu-se em meio às formulações sobre os sentidos da convivência para a política de saúde mental, e parece desnudar o quanto que as lógicas manicômias, de controle e fechamento podem se atualizar em qualquer formato de atendimento, pelos atos de qualquer profissional, em qualquer CAPS, em qualquer lugar. Trata-se dos manicômios mentais, como bem situa Peter Pelbart (1990), os quais não se localizam na estrutura física desta instituição total, mas se capilarizam sutilmente em nossos modos de cuidar.

As duas últimas cenas ganharam seções próprias, nas quais buscamos destrinchar as temáticas que interrogam a pesquisadora diante do problema de pesquisa. A cena terceira, de Tales, apresenta alguns momentos de um encontro entre vários, dando destaque aos laços que se estabeleceram nas trocas vivenciadas no CAPS. Na escrita da pesquisa, desenvolveu-se com a intencionalidade de dar a ver, com maior clareza, o que está em questão neste dispositivo que nomeamos como Espaços de Convivência para o tempo da adolescência, justamente os jogos subjetivos que se dão nas relações entre pares.

A cena final, que tem Fernando como protagonista, é a narrativa que encerra esta dissertação. Embora os acontecimentos narrados sejam atravessados por diferentes tempos, sua

sistematização deu-se já sob o impacto das leituras do mestrado e da própria tessitura desta pesquisa. Trata-se de uma narrativa que expõe os limites do conviver quando estamos diante de sujeitos que se recusam à subserviência diante das normas sociais. Situa-se, além disso, como um retrato das tensões entre tutela e cuidado que se atravessam no campo transferencial da atenção psicossocial de crianças e adolescentes.

Para além das cenas o leitor vai perceber a aparição de outros registros de acontecimentos ao longo da dissertação, sempre que entendermos que a assunção de uma imagem se faz necessária para a transmissão de alguma construção desenvolvida.

* * *

Cena segunda: Lia

Mais um dia comum no atribulado cotidiano do CAPS. Dia de recepção cheia de adultos acompanhantes, crianças e adolescentes esperantes, entre um atendimento e outro. Dia de convivência lotada de adolescentes cheios de vida, circulando pelo serviço de forma alucinada. Dia de Lia, a menina que vibra de corpo inteiro com a companhia dos pares, passar a tarde conosco. A técnica do abrigo que lhe levou até o serviço recomendou que ficássemos de olho, estava com planos de fugir. A medida judicial que encaminhou Lia ao acolhimento parecia não ter sido suficiente para evitar que a menina desejasse o retorno para casa, e encontrasse seus meios para providenciá-lo. Lia fugia e fugia, ganhando o mundo, circulando sabe-se lá como pelos mais diferentes lugares e metendo-se em enrascadas até chegar à sua casa. A preocupação da equipe do acolhimento era legítima. E a presença de Lia no CAPS demandava uma atenção que colocava todos em estado de alerta.

Na verdade, não era apenas o risco de fuga de Lia que estava em questão naquele dia. Nas semanas anteriores, a equipe havia encontrado pela rua um cachorrinho faminto, sujo e machucado. Acolheu, alimentou e tratou o bichano, e, por fim, resolveu adotá-lo. Passou a ser chamado por Toby. Toby conquistou a todos que circulavam pelo serviço, especialmente as crianças, que se divertiam ao dedicar-se aos seus cuidados. Logo sua presença tornou-se tema de intermináveis discussões entre a equipe. Passada a euforia dos primeiros dias de convívio, Toby começou a escapar do CAPS para dar seus passeios pela rua, causando grande preocupação entre os trabalhadores: “precisamos chavear o portão para ele não sair”. Como pode um cachorro de rua despertar o ímpeto de ser trancado para ser cuidado? Eram inúteis os argumentos de que se tratava de um cãozinho habituado às intempéries da rua, a equipe tomou-se de zelo cauteloso e passou a trancafiar o cão nas dependências do CAPS. As justificativas eram as mais variadas: ele pode ser roubado, pode ser atropelado, pode não

saber se defender se alguém o maltratar, pode sair e não mais saber voltar. No fim das contas, sinto que a presença de Toby na equipe ilustrou, como que por metáfora, o quanto que nos soa difícil lidar e assumir os riscos que implicam o cuidado em liberdade. Sobre o tanto que o cuidado pode se confundir com tutela, e o quanto que o aprisionar pode se apresentar como a resposta mais simples, aquela a que estamos habituados a dar, quando as coisas se complicam - como no caso de Lia.

Mas enfim, voltemos ao tal dia comum.

Estávamos nós com o portão trancado, para evitar que Toby ganhasse as ruas. Era hora de sair para uma reunião e a recepção fervilhava de gente. Lia, em um movimento que lhe era corriqueiro, havia se inquietado com alguma tarefa coletiva na convivência e saíra para zanzar pelos espaços do CAPS. Nisso, me encontra próxima ao portão, à espera de sair, em ritmo acelerado porque já estava atrasada para meu compromisso. Criou-se um impasse sobre como abrir o portão com garantias de que Toby - que estava à espreita - não escapasse: uma certa paralisia em meio ao fervilhão das conversas. Foi quando Lia, aquela cujo risco de fuga nos havia sido alertado, se ofereceu: “deixa que eu seguro ele para tu poder sair, Cris”. E assim o fez. Deparei-me com aquela cena inusitada, com a troca de posições experimentada em ato por Lia e saí pensando no tanto de imprevisível que pode caber no ato de conviver.

* * *

Tomamos a cena de Lia como icônica desta pesquisa que se ocupou dos Espaços de Convivência como tema a ser investigado. Icônica porque poderia ser entendida como uma fotografia densa e intensa que congrega, em imagem, uma série de interrogações, dúvidas, paradoxos sobre o campo de experiências tomado aqui como questão. Os atravessamentos institucionais, a mudança de posições - neste caso, entre quem precisa ser preso e quem prende, as atrapalhações e inconsistências da equipe, o inusitado, o comportamento que não cabe nas caixinhas em que tentamos dar contorno aos usuários, a alegria de compartilhar a vida com amigos... pequenos pixels que fazem a composição desta imagem que retrata os tensionamentos vivenciados em ato.

Estes pontos de interrogação que a cena de Lia lança serão colocados em ênfase nas próximas cenas trazidas, as quais serão compostas por eixos de análises. No dito de Lia, em sua disposição de *segurar* o cão enquanto o portão pudesse ser aberto sem maiores intercorrências, colhemos o significante que parece antecipar o que se coloca em discussão nas páginas que

seguem: *seguro* ele para tu sair, *segura* estou para ser e estar neste espaço, *segura* estou para brincar com os desígnios institucionais que insistem em me colar a uma definição. É a antecipação que nos arriscamos aqui a trazer: nossa proposição de um ambiente seguro que possibilite condições para as diversas formas possíveis de se fazer a transição da infância à adultez. Espaço não de tratar doença, mas de produzir vida.

7. “...VEJA VOCÊ ONDE É QUE O BARCO FOI DESAGUAR...” - notas para a abertura de um intervalo derradeiro

“Precisamos tirar essa MORTE que está escrita na parede. Este aqui é um lugar para a gente viver”.

Escolhemos a sabedoria de um dito de Lia, desta vez para iniciarmos esta seção que marca a abertura de um intervalo derradeiro. Ainda que as tensões presentes no campo do cuidado a crianças e adolescentes na atenção psicossocial não cessem de acontecer, e que os textos que derivam da pesquisa em psicanálise não tenham a pretensão de produzir conclusões definitivas, é tempo agora de delinear o ponto de interrupção deste estudo. É tempo de sistematizarmos algumas das lições que pudemos decantar desta travessia que percorremos em torno do tema da convivência.

Evocamos Lia porque vislumbramos em seu pedido a condensação da proposição que vimos buscando tatear ao longo deste estudo. Foi a adolescente quem nos convocou a recobrirmos o “Eu sou a morte” que outro usuário havia escrito na parede do CAPS, um pedido que nos dá testemunho de seu jeito de não suportar o encontro com o mal-estar e se pôr a empreender fugas intempestivas. Mas, também, entendemos, um pedido que conta sobre esse *viver* que vemos fazer liga na relação dos adolescentes com o CAPS e que, pudemos depreender ao longo deste percurso, está relacionado com a possibilidade de habitar um espaço relacional com outros adolescentes, contando com gradações de liberdade para experimentações. Com alguma regularidade, a passagem pela convivência foi o que tornou possível a vinculação de adolescentes ao serviço, como se estar entre pares possibilitasse-os desfazer uma desconfiança que se colocava inicialmente na relação com a equipe - de adultos. Assim, na expressão de Lia, o *viver* diz respeito ao encontro com outros adolescentes, para brincar, escutar, flertar, ser escutada, passear, falar sério, ou, simplesmente, “estar com”, mesmo sem nada fazer, tendo como pano de fundo um ambiente seguro sustentado por adultos com disponibilidade para o encontro.

Nossa travessia pelos meandros desse *viver* que habita os Espaços de Convivência iniciou pela tentativa de retomarmos os princípios que fundamentaram a criação de nossa Política de Saúde Mental e dos CAPS como serviços fundamentais na sua operacionalização. Tentativa que nos remetia ao risco de soarmos repetitivas diante da imensidão de produções que, nestes quase 20 anos de implantação, constam em livros, cadernos orientadores, artigos científicos, dissertações, teses.... Se optamos por correr este risco foi porque, a despeito de toda esta produção, há algo do sentido desta política que parece ter se perdido em meio aos muitos

avanços conquistados. E isto que se perdeu está relacionado com o propósito mesmo que tal construção buscou colocar em ato. Que exista uma rede de serviços no território, responsável por operar o cuidado em liberdade àqueles que padecem de sofrimento psíquico, não tem garantido que exercitemos nossa capacidade, enquanto sociedade, de convivermos com a loucura, com a diferença, com aqueles que expõem a céu aberto os flagelos do desamparo humano. Não tem impedido que reinventemos o manicômio por meio de tecnologias sutis e sofisticadas de exclusão. A primeira seção deste estudo teve, então, o propósito de nos situar eticamente desde a posição de quem não se contenta com os discursos manifestos de inclusão, mas de quem busca destrinchar na pequenez de cada ato as lógicas que a ele subjazem. Um CAPS não pode ser assim nomeado caso se operacionalize por meio de organizações burocratizadas que não deixam espaço para que os usuários, razão de existir do serviço, possam se expressar na radicalidade de sua condição.

Este ponto de partida teve desenlace na explicitação do processo desencadeado no CAPSij, cenário desta pesquisa, com vistas a buscar se tornar um CAPS, efetivamente. Este desenlace fez-se pertinente à medida que a transição de modelos evidenciou a complexidade que está envolvida na utopia que miramos com a proposição de uma nova política de saúde mental, aquela que nos convoca a conviver. Ao redigirmos estas notas de encerramento, nos damos conta de que, para a autora, os desafios que se colocaram a partir desta nova configuração do trabalho, uma configuração que situa a convivência como eixo, fizeram desvanecer a crença em um ideal de mundo, um ideal de política pública, um ideal de humano. Diante os escombros deste ideal esta dissertação foi sendo tecida.

Nesta tessitura comparece a psicanálise com sua capacidade implacável de não recuar diante das sombras que também constituem o humano. Não recuar não para que nos submetamos ao discurso cínico e perverso de que o mundo é mesmo uma selva, e que, nela, apenas os mais fortes podem sobreviver. Mas sim, para conseguirmos vislumbrar que a racionalidade dos discursos politicamente corretos tem seus limites e que nossa adesão a eles, em muitos momentos, nos impede de escutar. Há uma economia dos afetos, inconsciente, que rege as relações humanas e que não se submete, por decreto, às normas da boa convivência. É justamente dos tensionamentos nas relações, efeitos de tais afetos, que buscamos nos fazer acompanhar na travessia deste texto, trazendo cenas do cotidiano de adolescentes em circulação por um espaço de atenção psicossocial.

Desta travessia pudemos extrair algumas notas referentes à pergunta que fomentou o nascimento da pesquisa, acerca da possibilidade de se sustentarem espaços de convivência, enquanto dispositivo clínico, em que seja viabilizado o *estar com* entre as infinitas singularidades que frequentam o CAPS. Há inúmeras variáveis que estão colocadas nesta

pergunta, e delas dependem o que seria uma resposta: as condições do espaço físico, a composição da equipe, a retaguarda da rede, a condição e a sustentação dos familiares, a disponibilidade da equipe em suportar a complexidade da vida, o pano de fundo dos afetos em circulação no laço social ... Variáveis das quais resultam a resposta claudicante: *nem sempre*.

O que aqui apresentamos, como proposição de abertura de um intervalo derradeiro, são, então, notas que a nossa travessia, em diálogo com os tantos autores convidados a viajar conosco, ajudou a circunscrever a partir das cenas transformadas em material. Apresentamos-las misturadas aos trechos de uma canção⁷ que parece desnudar, em versos, os movimentos adolescentes que inspiraram o transcorrer deste percurso.

⁷ Canção que dá nome à seção 4.1 desta dissertação.

Referências

- Agamben, G. (2010). *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- Alberti, S. (1999). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos.
- Alvarez, A. P. E., & Silva, J. O. (2016). Centro de Convivência e Cultura: diálogos sobre autonomia e convivência, *ECOS: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 6(1), 05-19.
- Amarante, P. (Coord.). (1998). *Loucos pela vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil* [online] (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.
- Amor, A. R. S., & Chatelard, D. S. (2016). Considerações sobre tempo e constituição do sujeito em Freud e Lacan. *Tempo psicanal.* [online], 48(1), 65-85.
- Barthes, R. (2013). *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977* (2a ed.). São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes.
- Beividas, V. (1999). O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 12(3), 661-680.
- Birman, J. (2017). *Arquivos do mal-estar e da resistência* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2020). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (15a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.
- Bondía, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência, *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Broide, E. E. (2017). *A supervisão como interrogante da práxis analítica: desejo de analista e transmissão da psicanálise*. São Paulo, SP: Escuta.
- Broide, E. E., & Satto, F. G. (2020). Pode PÁ: da suspeita à confiança. In J. O. Moreira (Org.). *Juventudes e contemporaneidade* [recurso eletrônico]: reflexões e intervenções (pp. 146-160, Coleção Coletivo amarrações: psicanálise e políticas com juventudes). Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC.
- Butler, J. (2020). *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo, SP: Publifolha.
- Campos, G. W. S. (1997). A clínica do sujeito: por uma clínica reformulada e ampliada. In G. W. S. Campos. *Saúde Paidéia*. São Paulo, SP: Editora Hucitec, 2002. Recuperado de <https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/CLINICAampliada.pdf> Acesso em 13 set. 2021.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1), 105-123. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

7972199700010000 Acesso em 10 de maio de 2021.

- Ceccim, R. B., & Palombini, A. L. (2009). Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. *Psicol. Soc.* 21(3), 301-312. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/psoc/a/C7q7MLNhgBcgrGxkzgjRWJx/?lang=pt> Acesso em 06 nov. 2021.
- Coimbra, C. C.; Bocco, F.; & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 2-11.
- Costa, A. (2009). Litorais da psicanálise. *Psicologia & Sociedade*, 21(Edição Especial), 26-30.
- Coste, C. (2013). Prefácio. In R. Barthes. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977*. (2a ed., pp. XXIII-XXXIX). São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes.
- Couto, M. C. V.; Delgado, P. G. G. (2016). Presença viva da saúde mental no território: construção da rede pública ampliada de atenção para crianças e adolescentes. In E. L. Ribeiro & C. B. Lykouropoulos (Orgs). *O CAPSi e o desafio da gestão em rede* (pp. 161-192). São Paulo, SP: Hucitec.
- Dunker, C. I. L.; Voltolini, R.; & Jerusalinsky, A. (2008). Metodologia da Pesquisa em Psicanálise. In R. Lerner, & M. C. Kupfer (Orgs.). *Psicanálise com Crianças: clínica e pesquisa* (Vol. 1, pp. 62-92). São Paulo, SP: Escuta.
- Elia, L. (2005). A rede da atenção na Saúde Mental: articulações entre Caps e ambulatórios. In Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Caminhos para uma Política de Saúde Mental Infante Juvenil* (pp. 45-48). Brasília, DF: Autor.
- Elia, L.; & Santos, K. W. A. (2005). Bem-dizer uma experiência. In: M. M. de Lima & S. E. Altoé. (Orgs.). *Psicanálise, clínica e instituição* (pp. 260-281). Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos..
- Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Ferreira, A. B. H. (1993). *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.
- Fonseca, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *USP*, 13(2), 49-68.
- Freud, S. (2010a). Mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 18, pp. 13-122). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010b). Novas Conferências Introdutórias. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 18, pp. 123-354). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2010c). O início do tratamento. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 10, pp. 163-192). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

- Freud, S. (2010d). O inquietante. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14, pp. 328-376). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010e). Por quê a guerra? In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 18, pp. 417-435). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (2010f). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 10, pp. 147-162). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2010g). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 10, pp. 193-209). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 15, pp. 13-112). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu (1912-1913). In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 11, pp. 13-243). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 17, pp. 231-301). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2015). A moral sexual cultural e o nervosismo moderno. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 8, pp. 359-389). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2020). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 6, pp. 13-172). Rio de Janeiro, RJ: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cad. Psicanálise - CPRJ*, Rio de Janeiro, 34(27), 193-210.
- Guerra, A. M. C., Cunha, C. F., Costa, M. H. & Silva, T. L. (2014). Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. *Psic.: Teor. e Pesq.* 30(2), 171-177. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ptp/a/BTD5zCsKH4JysqhDttzZxBK/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 10 de agosto de 2021.
- Heissler, S. Z., & Gurski, R. (2020). Psicanálise, Vida Loka e Rodas de Escrita com Adolescentes Privados de Liberdade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, e216281, 1-14.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, VI(1), 115-138.
- Jacinto, A. F. L., Kupfer, M. C. M. & Vanier, A. (2019). A função de intervalo do espaço de acolhimento para pequenas crianças e seus pais. *Ágora*, Rio de Janeiro, 22(3), 335-342. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/agora/a/4cXFhf5mR66YpjCW9hJH8Zx/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 15 de maio de 2021.

- Justo, J. S.; Buchianeri, L. G. C. (2010). A constituição da tendência anti-social segundo Winnicott: desafios teóricos e clínicos. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(2), 115-127.
- Kaminski, A. L. (2010). Ressonâncias entre psicanálise e arte: intervalos, desmontagens e rearticulações. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, 4(2), 152-170.
- Kehl, M. R. (2000). Existe uma função fraterna? In M. R. Kehl (Org.). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará.
- Kehl, M. R. (2002). *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Orgs.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação* (pp. 89-114). São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Lancetti, A. *Clínica Peripatética*. 3. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2008.
- Leal, E. M., & Delgado, P. G. G. (2007). Clínica e cotidiano: o CAPS como dispositivo de desinstitucionalização. In R. Pinheiro, A. P. Guljor, A. Gomes, & R. A. Mattos (Orgs.). *Desinstitucionalização na saúde mental: contribuições para estudos avaliativos* (pp. 137- 154). Rio de Janeiro, RJ: CEPESC: IMS/LAPPIS: ABRASCO
- Lacan, J. (1998a). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (1998b). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan. *Escritos* (p. 197-213). Rio de Janeiro: Zahar
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 557-559). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001*. (2001, 06 de abril). Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10216.htm. Acesso em 15 set. 2020.
- Lykouropoulos, C. B. & Péchy, S. H. S. (2016). O que é um caps? In E. L. Ribeiro, & B. Lykouropoulos (Orgs.). *O CAPSi e o desafio da gestão em rede* (pp. 87-99). São Paulo, SP: Hucitec.
- Lobosque, A. M. (2003). *Clínica em movimento: Por uma sociedade sem manicômios*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Lobosque, A. M. (2007, jun.). CAPS: laços sociais. *Mental*, ano V(8), 53-60.
- Mãe, V. H. (2017). *A desumanização* (2. ed.). São Paulo, SP: Biblioteca Azul.
- Magtaz, A. C. & Berlinck, M. T. (2020). O caso clínico como fundamento da pesquisa em psicopatologia fundamental. In E. F. Queiroz & S. V. Zanotti (Orgs.). *Metodologia de pesquisa em psicanálise* (pp. 23-34). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.

- Martins, A. S. (2014). *Por que a guerra? Política e subjetividade de jovens envolvidos com o tráfico: um ensaio sem resposta*. (Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica) Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Medeiros, R. H. A. (2016). *Residência integrada em saúde: a torção do discurso universitário na cena de formação do profissional em saúde*. Porto Alegre, RS: Rede UNIDA.
- Merhy, E. E. (2007). Os CAPS e seus trabalhadores no olho do furacão antimanicomial: alegria e alívio como dispositivos analisadores. In H. Amaral, & E. E. Merhy (Orgs.). *A reforma psiquiátrica no cotidiano II* (pp. 55-66). São Paulo, SP: Aderaldo & Rothschild.
- Ministério da Saúde. (2002). *Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002*. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html. Acesso em 15 set. 2020.
- Ministério da Saúde. (2005). *Portaria Nº 396 de 07 de Julho de 2005* (Revogada).
- Ministério da Saúde. (2011). *Portaria N° 3088, de 23 de dezembro de 2011*. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html. Acesso em 15 set. 2020.
- Ministério da Saúde. (2013). *Política Nacional de Humanização*. Recuperado de https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folh_et_o.pdf. Acesso em 15 set. 2020.
- Ministério da Saúde. (2016, 07 de abril). *Resolução do Conselho Nacional de Saúde, nº 510, de 07 de abril de 2016*. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em 28 set. 2020.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2004). *Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial*. Brasília, DF: Autor. Recuperado de http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/SM_Sus.pdf. Acesso em 15 set. 2020.
- Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. (2007). *Clínica ampliada, Equipe de Referência e Projeto Terapêutico Singular* (2a ed., Série B. Textos Básicos de Saúde). Brasília, DF: Autor. Recuperado de http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica_ampliada_2ed.pdf. Acesso em 15 set. 2020.
- Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. (2013). *Concepção de Convivência e Fortalecimento de Vínculos*. Recuperado de <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/documentos/Concepcao%20de%20Convivencia%20e%20Fortalecimento%20de%20Vinculos.pdf>. Acesso em 28 set. 2020.
- Ministério do Desenvolvimento e Combate à Fome. (2014). *Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais* (Reimpressão de 2014). Brasília, DF: Autor. Recuperado de <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/documentos/livro%20Tipificaca%20Nacional%20-%202020.05.14%20%28ultimas%20atualizacoes%29.pdf>. Acesso em 15 set. 2020.

- Morais, R. R., Couto, M. C. V., Faria, D. L. S., & Modena, C. M. (2019, jan.-mar.). O atendimento à crise e urgência no Centro de Atenção Psicossocial para crianças e adolescentes de Betim. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(1), 1-15.
- Moreira, J. O. (2005). A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano “O mal-estar na civilização”. *Estudos de Psicologia*, 10(2), 287-294.
- Moreira, J. O., Rosário, Â. B., Santos, A. P. (2011). Juventude e adolescência: considerações preliminares. PUCRS, Porto Alegre, *Psico* 42(4), 457-464.
- Moschen, S. (2020). O tempo para compreender e a construção de um comum. *Correio da APPOA*, (299). Recuperado de https://appoa.org.br/correio/edicao/299/o_tempo_para_comprender_e_a_construcao_d_e_umcomum/855 Acesso em 05 nov. 2021.
- Moysés, M. A. A.; Collares, C. A. L. (2019). Sobre diferenças, desigualdades, direitos: raízes da patologização da vida. In: *Saúde Mental Infanto-Juvenil: territórios, políticas e clínicas da resistência* (pp. 141-155). Santos, SP: Editora UNIFESP, Co-editora ABRASME.
- Oliveira, A. S. P. (2019). *A função-supervisão: efeito de um método narrativo de partilha e cuidado em equipe na escuta com a rua*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre.
- Oliveira, H. M., & Hanke, B. C. (2017, mai./ago.). Adolescer na contemporaneidade: uma crise dentro da crise. *Ágora*, XX(2), 295-310.
- Oliveira, N. A. & Moreira, J. O. (2020). Entre a vida nua e o anseio por liberdade: à que responde o lançar o corpo para a morte dos adolescentes envolvidos com o tráfico de drogas. In J. O. Moreira (Org.). *Juventudes e contemporaneidade* [recurso eletrônico]: reflexões e intervenções (pp. 73-84, Coleção Coletivo amarrações: psicanálise e políticas com juventudes). Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- Onocko-Campos, R. T. (2012). *Psicanálise e saúde coletiva: interfaces* (2a ed). São Paulo, SP: Hucitec.
- Onocko-Campos, R. T., & Furtado, J. P. F. (2006, mai.). Entre a saúde coletiva e a saúde mental: um instrumental metodológico para avaliação da rede de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Sistema Único de Saúde. *Cad. Saúde Pública*, 22(5), 1053-1062.
- Onocko-Campos, R. T., & Furtado, J. P. F. (2008). Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, 42(6), 1090-1096.
- Pacheco, R. F., & Silva, R. S. (2018). (Con) viver com a loucura: por um cuidado extramuros. *Rev. Polis e Psique*, 8(2), 140–161.
- Palombini, A. (2006). Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psyche*, São Paulo, 10(18), 115-127.
- Pelbart, P. P. (1990). Manicômio mental: a outra face da clausura. In A. Lancetti (Org.). *Saúdeloucura 2*. (pp. 130-138). São Paulo, SP: Hucitec.

- Pimentel, F.; & Moura, B. (2016). Do caos à corresponsabilização: o espaço de ambiência no CAPSi. In E. L. Ribeiro, & C. B. Lykouropoulos (Orgs.). *O CAPSi e o desafio da gestão em rede* (pp. 116-129). São Paulo, SP: Hucitec.
- Queiroz, E. F. (2020). Reflexões sobre meta-análise em psicanálise. In E. F. Queiroz, & S. V. Zanotti (Org.). *Metodologia de pesquisa em psicanálise* (pp. 35-54). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.
- Quintana, M. (2013). *Velório sem defunto*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Resende, T. I. M. (2015). *Eis-me aqui: a convivência como dispositivo de cuidado no campo da saúde mental*. (Tese de Doutorado) Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília). Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/21117> Acesso em 15 de set. de 2021.
- Rezende, T., & Weinmann, A. (2014). O(s) tempo(s) na psicanálise e no cinema: o sentido baseado no só-depois. *Trivium* [online], 6(1), 68-81. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000100008&lng=pt&nrm=iso Acesso em 23 jul. 2021.
- Rassial, J. J. (1997). *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.
- Rizzini, I. (2000). *Criança não é risco, é oportunidade: fortalecendo as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes*. Rio de Janeiro, RJ: USU Ed. Universitária: Instituto Promundo.
- Rodrigues, M. R. (2017). *Olhar, rachar, narrar: cenas de um pesquisar em encontros* (Dissertação de Mestrado Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre.
- Rodulfo, R. (1990). *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Rodulfo, R. (1992). *Estudios Clínicos: Del significante al pictograma a través de la práctica psicoanalítica*. Buenos Aires, Argentina: Paidó.
- Rodulfo, R. (2004). *Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Rodulfo, R. (2017). *Ensayos sobre el amor en tiempos digitales: dominios sin dueño*. Ediciones Paidós: Buenos Aires.
- Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento* (2a. ed). São Paulo, SP: Escuta/Fapesp.
- Rosa, M. D. (2004). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. In APPOA – Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org). *Adolescência: um problema de fronteiras*. Porto Alegre: APPOA.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

- Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan - Esboço de uma Vida, História de um sistema de pensamento* (Trad. Paulo Neves). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Rowley, H. (2006). *Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre: Tête-à-Tête*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Ruffino, R. (2005). A Adolescência e o declínio da função social da imago paterna. *Textura: Revista de Psicanálise*, 5(5), 44-51.
- Safatle, V. (2020, 03 de janeiro). Da arte de aprender a cair. *El país*, 03 janeiro 2020. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-01-03/da-arte-de-aprender-a-cair.html>. Acesso em 28 set. 2020.
- Sampaio, M. A., & Amazonas, M. C. L. A. (2020). O método de observação de Esther Bick: contribuições à abordagem da intersubjetividade na pesquisa em psicanálise. In E. F. Queiroz, & S. V. Zanotti (Org.). *Metodologia de pesquisa em psicanálise* (pp. 93-129). Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.
- Schopenhauer, A. (2009). *Parerga y paralipómena II*. Madrid, Espanha: Trotta. (Trabalho original publicado em 1851).
- Scisleski, A. (2010). *Governando vidas matáveis: as relações entre a saúde e a justiça dirigidas a jovens em conflito com a lei*. (Tese de Doutorado) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/4890/1/000426334-Texto%2BCompleto-0.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2021.
- Selligman-Silva, M. (2010). A cultura ou a sublime guerra entre amor e morte. In S. Freud. *O mal-estar na cultura* (pp. 21-38). Porto Alegre, SP: L&PM Pocket
- Simoni, A. C. R., & Rickes, S. M. (2008, jul./dez.). Do (des)encontro como método. *Currículo sem Fronteiras*, 8(2), 97-113.
- Sousa, K. J. S. (2019). *A cena como dispositivo da clínica psicanalítica no campo da saúde mental*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre.
- Souza, I. S., & Silva, P. C. (2020). Um debate sobre as práticas de cuidado para crianças e adolescentes que usam drogas: afirmando direitos e protagonismo como prioridade absoluta. In R. Alencar, R. E. Silva, & C. A. C. Avarca. *Drogas e autonomia: interseções entre clínica e políticas públicas*. São Paulo, SP: Benjamin Editorial.
- Souza, P. C. (2010). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Surjus, L.T. S. (2019). Sobre Meninos Feridos, Comportamentos Agressivos e Uso de Drogas. In L. T. S. Surjus, & M. A. A. Moysés. *Saúde Mental Infanto-Juvenil: territórios, políticas e clínicas da resistência* (pp. 141-155). Santos: Editora UNIFESP, Co-editora ABRASME.
- Tavares, E. E. (1995). O futuro de uma esperança. *Adolescência - Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (11). Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.
- Tavares, A., & Alberti, S. (2016). Adolescência e psicanálise: sobre a importância de acolher

- o recém-chegado. *Psicanálise & Barroco em revista*, 14(2), 13-24.
- Tenório, F. (2001). *A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro, RJ: Rios Ambiciosos.
- Todorov, T. (2014). *A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Rio de Janeiro, RJ: Difel.
- Torossian, S. D. (2011). “Sem limites” ou “sem saída”? Ensaio preliminar. In APPOA – Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org). *Autoridade e Violência*. Porto Alegre, RS: APPOA.
- Torossian, S. D. (2020). *Narrativas literárias na construção de um método para a clínica psicanalítica das vulnerabilidades*. [Não publicado] (Relatório de Pós-Doutorado Senior) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS), Belo Horizonte.
- Torossian, S. D., Bruno, B. A. D., & Janovik, M. S. (2020). Brincar-infracional: entre o faz-de-conta e as grades de ferro. In J. O. Moreira (Org.). *Juventudes e contemporaneidade* [recurso eletrônico]: *reflexões e intervenções* (pp. 161-173, Coleção Coletivo amarrações : psicanálise e políticas com juventudes). Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC.
- UNICEF. (1959). *Declaração universal dos direitos da criança*. Recuperado de https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_universal_direitos_crianca.pdf Acesso em 22 jul. 2021.
- Vicentin, M. C. G. (2005). *A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei*. São Paulo: Hucitec, FAPESP.
- Vicentin, M. C. G. (2016). Criar o descrençável. In E. Lauridsen-Ribeiro; & C. B. Lykouropoulos (Org.). *O CAPSi e o desafio da gestão em rede* (pp. 29-38). São Paulo, SP: Hucitec.
- Vicentin, M. C., Assis, D. A. D., & Joia, J. H. (2015). O direito de crianças e adolescentes ao cuidado em saúde mental: tensões entre proteção e tutela no caso do uso de drogas. *Diké*, Aracaju, ano IV, vol. I, 21-50. Recuperado de www.dikeprodirufs.br Acesso em 14 de julho de 2021.
- Vicentin, M. C. & Blikstein, F. (2019). Internações Psiquiátricas de Crianças e Adolescentes: um Analisador da Reforma em Saúde Mental. In L. T. S. Surjus, & M. A. A. Moysés. *Saúde Mental Infanto-Juvenil: territórios, políticas e clínicas da resistência* (pp. 171-181). Santos, SP: Editora UNIFESP, Co-editora ABRASME.
- Vieira, A. A., & Vorcaro, A. M. R. (2014). Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. *Psicol USP*, 25(2), 144-154.
- Warpechowski, M. B. (2018). *Adolescência, vulnerabilidade e desamparo: intervenções clínico-políticas na assistência social*. Curitiba, PR: Juruá.
- Winnicott, D. W. (2002). *Privação e Delinquência*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Wottrich, L. A. F. (2018). *A casa dos cata-ventos em cena(s)*. (Dissertação de Mestrado) Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Recuperado de

[https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202550/001102704.pdf?sequence=1 &isAllowed=y](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202550/001102704.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 28 set. 2020.

Yasui, S. (2019). Apostas em uma Atenção Psicossocial Menor. In B. F. Emerrich, & R. T. O. Onocko-Campos. *SaúdeLoucura* (n. 10, pp. 209-231). Rio de Janeiro, RJ: Hucitec.

Playlist

1. **“...vejo uma trilha clara pro meu Brasil apesar da dor...”**: Nu com a minha música, de Caetano Veloso. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=UXjRzHZx8a4>

1.1 **“...e eu dizia ainda é cedo...”**: Ainda é cedo, de Legião Urbana. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmFDpUhcZUI>

1.2 **“...não temos tempo a perder...”**: Tempo perdido, de Legião Urbana. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hr7Uqu6G80>

2. **“...vem comigo, no caminho eu explico...”**: Vem comigo, de Cazuza. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=yRCat1hfVec>

3. **“...cada ser tem sonhos à sua maneira...”**: Noite Severina, de Lula Queiroga e Pedro Luis. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=AeeVIIPIQy4>

3.1 **“...alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho...”**: Alguém me avisou, de Dona Ivone Lara. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJTmEVCnhQY>

3.1.1 **“...a casa é sua”...**: A casa é sua, de Arnaldo Antunes. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=82ajlBg8FpA>

4. **“...a vida é arte do encontro...”**: Samba da benção, de Vinícius de Moraes. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fz0eddwTjnk>

4.1 **“...e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto...”**: Mistério do Planeta, de Novos Baianos. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jp46m4Hvk1Q>

4.1.1 **“...há tanta vida lá fora...”**: Como uma onda, de Lulu Santos e Nelson Motta. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=XFa73hlzR-4>

4.1.2 “...minha solidão se sente acompanhada...”: Yolanda, de Pablo Millanès. Em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Ew64N8WSvJU>

4.2 “...eu odeio, eu adoro numa mesma oração...”: Baioque, de Chico Buarque. Em:

<https://www.youtube.com/watch?v=edkDZLyNZCg>

5. “...e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo...”: Aquarela, de Toquinho e Vinícius de Moraes. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=bOVNvg4-etY>

5.1 “...uma pausa de mil compassos...”: Para ver as meninas, de Paulinho da Viola. Em:

https://www.youtube.com/watch?v=qRZ_GStnku4

5.2 “...fotografias recortadas em jornais de folhas, amiúde...”: Chão de Giz, de Zé Ramalho. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBMMNBOXins>

5.2.1 “...a parte que te cabe neste latifúndio...”: Funeral de um lavrador, de Chico Buarque. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=1kCZfXCG87Y>

5.3 “...eu não sei dizer nada por dizer então eu escuto...”: Fala, de Secos e Molhados.

Em: <https://www.youtube.com/watch?v=M0WnpzKM-Ik>

6. “...e se você trazer o seu lar eu vou cuidar, eu cuidarei dele...”: Os cegos do castelo, de Titãs. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=X-4cQAjhjBU>

6.1 “...é na soma do seu olhar que eu vou me reconhecer inteiro...”: Tanto amar, de Chico Buarque. Em: https://www.youtube.com/watch?v=_QjvBOcBQBQ

6.2 “...esse humor é coisa de um rapaz que sem ter proteção foi se esconder atrás da cara de vilão...”: Cara valente, de Marcelo Camelo. Em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cXL3U4o-AQM>

6.2.1 “...tem que bater, tem que matar, engrossa a gritaria...”: Caravanas, de Chico Buarque. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=6TtjniGOqAc>

6.2.2 “... a esperança dança, na corda-bamba de sombrinha e em cada passo dessa linha pode se machucar...”: O bêbado e o equilibrista, de Aldir Blanc e João Bosco. Em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6kVBqefGcf4>

6.2.3 “...lá o tempo espera, lá é primavera...”: Vilarejo, de Marisa Monte, Pedro Baby, Carlinhos Brown e Arnaldo Antunes. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWIhhlVhODo>

7. “...veja você onde é que o barco foi desaguar...”: Conversa de botas batidas, de Los Hermanos. <https://www.youtube.com/watch?v=m4E3b5RXIQ8>